

Dívida Externa

Dauster reinicia rodada de negociações e muda discurso com credores

GAZETA MERCANTIL

O negociador oficial da dívida externa, embaixador Jório Dauster, viaja hoje à noite para Nova York com a determinação de enfatizar a posição brasileira em torno do princípio da capacidade de pagamento da dívida externa. Ele passou a tarde de ontem reunido com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e com o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, recém-chegado da viagem que fez aos Estados Unidos e à Europa, numa tentativa de fazer com que os governos credores entendessem a posição brasileira.

A reunião de ontem acabou atrasando a saída do embaixador Jório Dauster de Brasília, que, em princípio, tinha programado sua partida para os Estados Unidos na noite de ontem. Ficou claro, depois da reunião, que o Brasil vai fincar pé na tese da capacidade de pagamento: "Vamos conversar com altivez e perseverança nos objetivos básicos", disse a este jornal.

No início da noite, revelou que não vai levar nenhuma novidade na área dos atrasados, além do que já colocou aos bancos. Na verdade, o Brasil não leva nenhuma posição diferenciada daquilo que já apresentou até aqui frente ao comitê assessor de bancos credores. "As propostas já foram feitas; como nós não aceitamos a proposta de-

les, se não aceitarem a nossa não haverá nada mais a fazer", afirmou o negociador, admitindo pela primeira vez, embora indiretamente, que o governo não está disposto a ultrapassar os limites impostos desde o início para o processo de negociação.

"O conceito da capacidade de pagamento não é uma cruzada religiosa, ninguém está obrigado a comungar do nosso princípio, mas este é o nosso critério, e abandoná-lo seria admitir que passaríamos a usar meios inflacionários para pagar a dívida externa", disse ele, lembrando que aquele princípio é fundamental para o País — "com base nele, vamos avaliar tudo, vamos avaliar qualquer acordo" —, dentro da posição já explicitada de não comprometer o crescimento do País nem de manter os pagamentos externos à custa da inflação.

O embaixador Dauster, contudo, evita falar em impasse, na qualidade de negociador, faz questão mesmo de dizer que "não há nenhuma crise com os bancos". O processo de entendimentos não precisa necessariamente ser interrompido, partindo do pressuposto de que os bancos vão aceitar as colocações feitas pelo Brasil, inclusive com relação ao pagamento dos juros em atraso. Ele viaja sem ter definida uma data para o retorno a Brasília.